

A Casa da Árvore: Por uma escuta psicanalítica na prática de intervenção social

Casa da Árvore: For a psychoanalytic listening in the social practice intervention

Ana Barbara de Toledo Andrade, Tatiana Holanda de Souza, Tatiana Lins

Resumo

Este artigo apresenta a experiência de trabalho da Casa da Árvore, uma ONG inspirada no modelo clínico da 'Maison Verte' – instituição francesa criada por Françoise Dolto, voltada ao atendimento de crianças e seus familiares. Desde 2001, a Casa da Árvore desenvolve um trabalho que, embora encontre sua inspiração no modelo da 'Maison Verte', foi adaptado ao contexto social brasileiro, dedicando-se à prática de intervenção social em comunidades de favelas do Rio de Janeiro. Trata-se de um espaço de convivência, onde se recebem crianças e seus responsáveis, cujo exercício clínico segue a perspectiva teórica psicanalítica. A discussão é centrada no trabalho desenvolvido pela Casa da Árvore no Morro do Turano, no Rio de Janeiro. Com base na análise de duas situações clínicas, discutimos como o modelo clínico psicanalítico pode se efetivar em uma prática de intervenção social.

Palavras-chave

Psicanálise; clínica psicanalítica; intervenção social.

Abstract

This article presents the experience of work in Casa da Árvore, ONG inspired in the clinic model of 'Maison Verte' – a french institution created by the psychoanalyst Françoise Dolto and devoted to clinic for children and their families. Since 2001, Casa da Árvore develops a work that, although finds her inspiration in the model of 'Maison Verte', was adapted for the brazilian social context, devoting to the social practice intervention in slums communities in Rio de Janeiro. It is a space of closeness, where children and their responsables are received, whose clinic work follows the perspective of psychoanalytic theory. The discussion is focused in the work developed by Casa da Árvore in Morro do Turano, in Rio de Janeiro. Based in the analysis of two clinical situations, it is discussed how the model of psychoanalytic clinic can be used in a social practice intervention.

Keywords

Psychoanalysis; psychoanalytic clinic; social intervention.

Ana Barbara de Toledo Andrade

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.

barb_andrade@hotmail.com

Tatiana Holanda de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ

tatianahds@gmail.com

Tatiana Lins

Pontifícia Universidade Católica - Rio

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio

tatlins@gmail.com

A Casa da Árvore: Por uma escuta psicanalítica na prática de intervenção social

Vamos presumir que, por meio de algum tipo de organização, consigamos aumentar os nossos números em medida suficiente para tratar uma considerável massa da população. [...]. Quando isto acontecer, haverá instituições ou clínicas de pacientes externos, para as quais serão designados médicos analiticamente preparados [...]. Tais tratamentos serão gratuitos. Pode ser que passe um longo tempo antes que o Estado chegue a compreender como são urgentes esses deveres [...]. Defrontar-nos-emos, então, com a tarefa de adaptar a nossa técnica às novas condições. [...]. É muito provável, também, que a aplicação em larga escala da nossa terapia nos force a fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta [...]. No entanto, qualquer que seja a forma que essa psicoterapia para o povo possa assumir, quaisquer que sejam os elementos dos quais se componha, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa (FREUD, 1980[1918], p. 210-211).

Com base nesta previsão freudiana, de 1918, quanto ao futuro da psicanálise, pretendemos discutir, neste artigo, de que maneira o modelo clínico psicanalítico pode se efetivar em uma prática de intervenção social. Apresentaremos o trabalho desenvolvido pela ONG Casa da Árvore, a fim de indicar como os instrumentos da escuta psicanalítica são aplicados neste espaço, cujo enquadre clínico muito se diferencia do *setting* psicanalítico tradicional.

Introdução

A Casa da Árvore é uma ONG inspirada no modelo clínico da *Maison Verte* – instituição francesa criada em 1979 pela psicanalista Françoise Dolto, voltada ao atendimento de crianças e seus familiares, visando favorecer a socialização e prevenir a violência.

De acordo com Milman (2008, p. 35), Dolto inaugura a *Maison Verte* atenta para a "enorme quantidade de crianças que, a partir do início da vida escolar, eram encaminhadas ao psicanalista com problemas já estruturados". Neste sentido, a preocupação de Dolto sempre foi a prevenção de patologias que poderiam se manifestar nas crianças após o ingresso na vida escolar, a fim de evitar que as experiências marcantes do início da vida viessem a cristalizar-se em sintomas. A ação preventiva que Dolto considera fundamental e prioritária é relativa à prevenção da violência, cuja raiz reside "não só em marcas vindas de uma identidade posta em perigo desde muito cedo, como também na cristalização de comportamentos surgidos já na fase em que a criança se relaciona socialmente tanto com outras crianças quanto com adultos" (MILMAN, 2008, p.35). A *Maison Verte* surge portanto com objetivo de prevenir tanto as neuroses infantis quanto a violência originária de uma entrada conturbada da criança no meio social.

Segundo o texto informativo entregue aos frequentadores no dia de abertura da *Maison Verte* em Paris, o atendimento ali oferecido às crianças e aos pais não se igualava àquele de uma creche ou jardim de infância. Tratava-se, sim, de um espaço de conversa, onde pais, mães, avós seriam recebidos com suas crianças, e onde os pequenos poderiam fazer amigos (MALANDRIN, 2008). O texto, de grande simplicidade, procurava marcar a diferença entre a *Maison Verte* e os outros espaços destinados aos cuidados

da infância. Segundo Malandrín (2008), a intenção era a de assinalar que o registro com o qual aquele espaço buscava trabalhar não deveria ser entendido como uma resposta a uma demanda seja em termos de assistência ou educação. O objetivo central do dispositivo, segundo a autora, é o de uma abertura para a palavra.

Na *Maison Verte*, que não tem equivalente no mundo, se pratica diariamente, fora da empresa de qualquer poder médico ou de tratamento e sem recuperação nem diretivas educativas, o falar de fato com toda criança sobre aquilo que lhes interessa tanto no que seus pais dizem, como naquilo que a criança faz e que lhe causa insatisfação em seu sucesso ou uma dificuldade em relação com outra pessoa. É a entrada na convivialidade, sem dependência do grupo (DOLTO, 2005, p. 350).

A originalidade deste espaço de cuidado está na possibilidade oferecida à criança de ser recebida e entendida na sua “fala cotidiana”¹, isto é, naquilo que ela expressa de mais ordinário, através do qual o inconsciente poderia se apresentar (MALANDRIN, 2008). Desse modo, a criança poderia encenar na *Maison Verte* seu “teatro íntimo”, já que se abre para ela “um espaço onde ela pode ser entendida em sua palavra cotidiana, inaudível ao cotidiano de sua educação” (MALANDRIN, 2008, p. 21). Ao ser reconhecida como sujeito desejante, a criança pode vir a expressar seus afetos e fantasias e dar ensejo ao trabalho de elaboração.

A Casa da Árvore

Baseando-se no dispositivo clínico francês, a Casa da Árvore desenvolve desde 2001 um trabalho que, embora encontre sua inspiração no modelo da *Maison Verte*, foi transformado e adaptado ao contexto social brasileiro, dedicando-se à prática de intervenção social em comunidades de favelas do Rio de Janeiro.

Convém assinalar que, ao desenvolver o trabalho em comunidades de favelas, circunscrevendo nossa atuação a áreas específicas da cidade, cujo contexto sociocultural é marcado pela precariedade, o aspecto social se introduz necessariamente na nossa prática psicanalítica – o que exige uma interação efetiva do espaço clínico com o espaço social (MILMAN, 2008).

A interação entre os espaços clínico e social, que procuraremos descrever adiante, ocorre pelo fato de que as estruturas da Casa da Árvore terem sido implantadas em lugares onde se localiza “um segmento da população isolado geográfica e socialmente (...) que se caracteriza por um poder aquisitivo baixo, como também baixo nível de escolaridade e, mais do que tudo, se encontra submetido a níveis de violência absurdos e a códigos de lei e conduta criados pelo tráfico de drogas” (MILMAN, 2008, p.38)². Neste artigo, centraremos nossa discussão mais especificamente no trabalho desenvolvido pela Casa da Árvore no morro do Turano, comunidade do bairro do Rio Comprido.³

Trata-se de um espaço de convivência, onde se recebem crianças de zero a doze anos e seus responsáveis, cujo trabalho segue a perspectiva teórica psicanalítica. As crianças frequentam o espaço para brincar e conversar, visitando-o com a assiduidade que desejam, chegando e saindo quando lhes convém. Realizamos plantões diários, com três horas de duração. Abrimos a Casa no início da tarde, sempre no mesmo horário. As crianças, em sua maioria, frequentam a Casa sem a companhia dos pais. Muitos vêm acompanhados de seus irmãos.

Essa é uma das características de nosso trabalho: não há, na maioria das vezes, um trabalho conjunto com a família dessas crianças. Nossas

1

Em francês, o termo utilizado pela autora é “parole quotidienne” (MALANDRIN, 2008).

2

É bem verdade que este cenário de violência caracterizado pelo domínio do tráfico de drogas vem mudando com a implementação da nova política de segurança pública do governo do Estado do Rio de Janeiro - as unidades de polícia pacificadora (UPPS). No entanto, esta questão é polêmica e vem gerando discussões a respeito dessa política de segurança, uma vez que é frequente a crítica quanto ao modo pelo qual o governo passa a se fazer presente nessas comunidades, antes negligenciadas. É através da força armada e policial que o governo ocupa essas áreas, reproduzindo o modelo repressivo e autoritário com o qual a população sempre esteve submetida por conta do domínio dos traficantes de drogas. Entretanto, como este tema extrapola nossos objetivos, não aprofundaremos esta discussão no presente artigo.

3

Além do Morro do Turano, a Casa da Árvore atua também no Chapéu Mangueira (RJ), Santa Marta (RJ) e Ilha da Conceição (Niterói), comunidades localizadas no estado do Rio de Janeiro.

intervenções e nossa escuta se restringem à criança e a seu modo de estar naquele ambiente – às suas palavras, conflitos e brincadeiras. Essa não-presença dos pais em nosso cotidiano pode ser atribuída a inúmeros fatores, dentre eles, a exaustiva jornada de trabalho que esses pais precisam desempenhar, ou até mesmo a uma determinada concepção existente nessas comunidades a respeito do modo de educar e lidar com o infante.

Na Casa da Árvore, a dinâmica do dia é sempre determinada pelas crianças. São elas que decidem o que fazer a cada plantão: se querem brincar; do que querem brincar; se querem conversar ou não. A regra fundamental da psicanálise, a associação livre, se aplica na Casa da Árvore a partir da liberdade que oferecemos às crianças para usarem o espaço do modo que desejam. A associação livre implica que o paciente, no *setting* tradicional, possa “falar tudo o que lhe vier à cabeça”. Na Casa da Árvore, as crianças também se apropriam dessa premissa, o que dá ensejo, muito frequentemente, tanto à liberdade no brincar criativo como às expressões afetivas das mais variadas.

A dinâmica transferencial da Casa da Árvore também tem sua especificidade, cujo modelo clínico foi herdado do trabalho desenvolvido pela *Maison Verte* de Françoise Dolto. A transferência, descrita por Freud (1980 [1912], p.133) como a reedição de um “método específico próprio de conduzir-se na vida erótica”, é considerada de forma bastante particular. A cada tarde nosso plantão é composto por três analistas diferentes; a equipe de profissionais varia em função do dia da semana. Esta organização promove certa ruptura com a dinâmica transferencial do *setting* psicanalítico tradicional, na medida em que a criança estabelece transferências com diversos e diferentes analistas. Convém esclarecer que Dolto já havia subvertido a premissa freudiana no que diz respeito à transferência entre analista e analisando, ressaltando a importância de haver três pessoas diferentes em cada dia da semana para receberem os frequentadores da *Maison Verte*. Esta característica é importante, pois permite um deslocamento da transferência de uma única pessoa para o lugar. Segundo Malandrin (2008), a estrutura da *Maison Verte*, organizada por equipes distintas a cada dia da semana, permite que a palavra cotidiana encontre um espaço de fluidez, sem ter estabelecido de antemão um único interlocutor para o qual a criança dirigiria sua fala, o que permite que sua palavra se mantenha em seu caráter cotidiano, corriqueiro, ordinário.

Acontece, muitas vezes, na Casa da Árvore, da criança confundir os analistas, dizendo-nos que nos contou uma história ou que vivemos juntos algo que de modo algum se passou conosco. Essa certa “confusão” aponta-nos para algo que chamamos de “transferência com a Casa da Árvore” como instituição, e não com cada analista separadamente.

Vale esclarecer que esta especificidade da dinâmica transferencial é um denominador comum de todo trabalho psicanalítico realizado em instituições, seja nos dispositivos clínicos da *Maison Verte* e Casa da Árvore, seja nos grupos terapêuticos, nas terapias de família ou nas práticas em instituições médico-psicológicas. Como explica Richard (2011), a transferência engendrada pela situação analítica no espaço institucional é comumente difratada em endereçamentos múltiplos, dirigida a diferentes profissionais. Dessa forma, a transferência passa a se dar em relação a um determinado modo de trabalho, comum a toda a equipe, e deixa de se dirigir a uma pessoa apenas (BARBOSA; SILVA, 2008).

O que há em comum a toda a equipe de profissionais da Casa da Árvore é a ética de trabalho pautada em princípios como: “falar com as crianças enquanto sujeitos; valorizar e estimular a palavra de todos, facilitando a expressão de sentimentos bons e ruins, e favorecendo a relação entre as pessoas” (BARBOSA; SILVA, 2008, p.104). Estes pontos norteadores do trabalho permitem que os frequentadores reconheçam a equipe como uma unidade.

Deste modo, considerando que, através da transferência, o sujeito rememora, reproduz, atua e repete na relação com o analista sua dinâmica libidinal (FREUD, 1980 [1912], 1980 [1914]), a estrutura da Casa da Árvore foi pensada buscando privilegiar o acolhimento desse conteúdo que emerge no transcorrer dos plantões sem que ele seja personificado ou encarnado na figura de apenas um analista.

Essa estrutura facilita o aparecimento do sujeito no campo transferencial, pois a cada encontro a criança é convocada a se posicionar de forma diferente frente às vicissitudes de cada escuta. Somado a isso, essa estrutura também dificulta que a história ou palavras das crianças fiquem presas a sentidos pré-existentes. A cada encontro, a criança é convocada a se apresentar novamente, se dizer, se contar e “fantasiar com”.

Quais as possibilidades de escuta psicanalítica?

Neste espaço, que é ao mesmo tempo semelhante e diferente ao enquadre clínico no qual a psicanálise originalmente se fundamentou, privilegiamos a escuta psicanalítica. Trata-se de um trabalho que se faz em articulação viva com o espaço social, em um contexto clínico muito específico, o que coloca novas problemáticas ao exercício analítico.

Os impasses com os quais nos deparamos neste contexto clínico, por sua articulação viva com o social, muitas vezes são relacionados com as situações de precariedade social pelas quais sofrem as crianças que nos procuram, muitas vezes em situações de risco de vida. São situações de crianças fora da escola, que nunca foram alfabetizadas; casos de crianças cujos pais não podem acompanhar a vida dos filhos ou estar presentes ao longo do dia, o que faz com que elas passem o dia na rua, fora de casa, sem cuidados de higiene, alimentação e segurança; ou mesmo casos em que as crianças mais velhas assumam o cuidado de seus irmãos menores. As crianças que atendemos na Casa da Árvore, assim como seus pais, pouco saem do território da própria comunidade e, em seus discursos, "o asfalto" ainda é encarado como uma área de pouco acesso e desconhecida.

Diante de situações nas quais a precariedade social invade o espaço clínico, nos indagamos se é possível acolher os enunciados de uma criança ignorando o seu corpo, seu bem-estar físico e sua situação escolar. Esta é uma discussão que nos tem rendido parcerias com os centros especializados em assistência social de cada região correspondente ao território de abrangência que nos encontramos. Estas questões nos fazem nos mover e nos deslocar pela comunidade, procurando os pais ou os agentes comunitários para partilhar de nossa preocupação e propor parcerias de trabalho. Muitas vezes somos frustrados nesta convocação a terceiros, seja pela precariedade psíquica, econômica e física dos pais, seja pela burocratização implicada nos serviços públicos.

Tendo em vista a precariedade econômica, física e social dos pais, que muitas vezes restringem às crianças ao espaço da comunidade, assim como a burocratização dos serviços públicos, o dispositivo clínico da Casa da Árvore se propõe a acolher a demanda de uma população que não consegue chegar aos serviços públicos da rede municipal ou estadual. Vale acrescentar que o próprio encaminhamento de uma criança para a rede pública exige um trabalho da equipe da Casa da Árvore em conjunto com a família e agentes públicos.

Ora, como é possível notar, esta interação entre o espaço clínico e o social impõe ao analista a necessidade de se posicionar de forma mais ativa diante de determinadas situações, sobretudo naquelas em que a radicalidade da realidade social invade o território clínico, fazendo que o

analista abandone uma suposta posição de neutralidade e se insira de forma ativa na comunidade.

Quanto à prática de trabalho realizada dentro do espaço clínico da Casa da Árvore, convém assinalar que nossa proposta de condução do tratamento não se propõe a privilegiar a coleta de informações pessoais a fim de produzir uma narrativa histórica a respeito do passado e da conjuntura familiar de cada criança. Esse propósito traria, em primeiro lugar, um obstáculo prático. O aprofundamento da história individual de cada criança é impossibilitado pelo próprio funcionamento da Casa, uma vez que a frequência, os tempos de permanência e a forma de se relacionar com o espaço e com cada analista variam muito de criança para criança. Em segundo lugar, a direção clínica de nosso trabalho não requer um conhecimento factual dessa natureza, mas, ao contrário, pressupõe a abertura para aquilo que emerge no plantão, no aqui e agora do encontro transferencial entre a criança e o analista.

Neste sentido, podemos até mesmo dizer que a proposta da Casa da Árvore radicaliza o que é específico da psicanálise: a possibilidade de um reposicionamento do sujeito a cada sessão. Em nosso caso, a cada plantão, a cada escuta. Isto é, a possibilidade de que a criança reconstrua sua história a cada vez que frequenta a Casa, em função do encontro transferencial que estabelece com o analista que ali está – quando este se dispõe a testemunhar suas brincadeiras e escutar suas palavras, abrindo para ela a possibilidade de inventar novas narrativas sobre si. A Casa da Árvore pressupõe, como aposta, essa potencialidade do sujeito que pode, eventualmente, no encontro com o outro, se reinventar. Nesta perspectiva, a Casa da Árvore favorece a pluralidade dos encontros, uma vez que "os múltiplos profissionais possibilitam múltiplos encontros" (MILMAN, 2008, p.37), e infinitas possibilidades de reinvenção do sujeito.

A fim de descrever de que modo a escuta psicanalítica pode se apresentar nesse espaço, apresentaremos dois fragmentos clínicos, a partir dos quais poderemos desdobrar importantes elementos de análise. Com base no relato de duas situações clínicas e o manejo dos analistas que ali se encontram, é possível verificar os efeitos subjetivos produzidos a partir da escuta analítica que se faz presente nessas situações.

Vinheta um: Caso Diana

Este primeiro relato aborda uma situação clínica que diz respeito à Diana, uma menina de 11 anos que frequenta o espaço há alguns anos. Em um plantão, ela conta aos analistas que sua mãe está grávida e, a partir desta notícia, é possível tratar com ela, de forma lúdica, suas expectativas com relação ao nascimento de mais um irmão. É importante esclarecer que esta menina tem muitos irmãos, filhos da mesma mãe com pais diferentes. Seus dois irmãos mais novos também frequentam a Casa da Árvore.

Neste plantão, recebemos a visita de uma jovem mãe, que vem à Casa da Árvore pela primeira vez com seu bebê de 20 dias no colo. A presença de um bebê na Casa certamente sensibiliza Diana, fazendo com que ela se remeta à gravidez da mãe e às fantasias concernentes à sua posição em relação aos irmãos mais novos e, mais diretamente, em relação ao futuro bebê. Ao nos contar a notícia, ela o faz com certa displicência, mas logo inicia uma brincadeira com uma boneca-bebê.

Coloca o bebê no colo e brinca de niná-lo, apoiado no seu ombro. Começa a brincar de tropeçar e jogar o bebê no chão, como se fosse acidentalmente, falando "ops" a cada vez que o deixa cair. Essa brincadeira é feita repetidamente, jogando a boneca várias vezes no chão. Ela faz a cena ficar de fato engraçada, simulando se surpreender, a cada vez, ao ver a

boneca se espatifar no chão. A analista assiste a brincadeira, testemunhando a experiência lúdica de Diana ao jogar a boneca-bebê no chão. Ela pode reconhecer naquela brincadeira os desejos agressivos da menina dirigidos aos irmãos e ao bebê que irá nascer. A fala da analista é centrada no reconhecimento da agressividade de Diana, sem criticá-la ou julgá-la. Ela diz: “Como esse bebê dá trabalho, como ele chateia, toda hora cai no chão”.

Após algum tempo, a brincadeira de jogar a boneca no chão se interrompe, e Diana passa a brincar de ninar o bebê. Em seguida, a analista também começa a brincar com uma boneca, e Diana sugere que as duas devem cuidar de seus bebês. Utiliza alguns objetos como berços e mamadeiras e se preocupa em alimentá-los e fazê-los dormir – ensinando à analista a melhor maneira de cuidar dos bebês.

Vale acrescentar que Diana é uma criança que não tem o hábito de brincar com bonecas na Casa da Árvore. Seus interesses são mais característicos de uma pré-adolescente. Neste dia, sem a presença das amigas com quem se identifica nas atitudes pré-adolescentes, ela pode entrar em contato com seu mundo infantil, entregando-se prazerosamente à brincadeira com bebês.

Vinheta dois: Quatro crianças e o caos

O relato que se segue diz respeito a uma situação ocorrida em um plantão protagonizado por quatro crianças. No começo da tarde, antes de o portão da Casa ser aberto, uma das crianças fala: “Quero fazer bagunça!”. A analista pergunta como seria essa bagunça, e ela responde: “Destruir a casa da árvore!”. Diante dessa declaração, a analista propõe, antes de abrir o portão, que todos fiquem do lado de fora para conversar sobre essa vontade, dizendo que não deixaria ninguém destruir a Casa. Todos permanecem do lado de fora por algum tempo, mas as mesmas crianças insistem para que o portão seja aberto. Assim que a Casa é aberta, as quatro crianças entram jogando mesas, cadeiras e brinquedos para o ar. Numa tentativa de driblar o caos, a Casa é fechada e todos ficam do lado de fora.

Uma das crianças, muito nervosa, fala: “Não encosta em mim! Sai daqui!”. Juntamente com essas palavras distribui chutes e pedrinhas na direção dos três analistas. Outro menino, que usava um pano para cobrir a boca – cuja imagem lembrava uma máscara de bandido – repete a atitude do primeiro, jogando pedrinhas e chutando o portão da Casa da Árvore.

Após difíceis momentos, todos se sentam para conversar. A analista diz que percebe que eles estão com raiva, mas que, mesmo assim, não poderia deixar que destruíssem a Casa da Árvore⁴. Eles então são convocados a falar sobre essa raiva, o que dá legitimidade aos seus afetos e, ao mesmo tempo, remete-os ao universo da representação.

Diante dessa intervenção, uma das crianças expressa muita raiva e evoca o plantão passado. Conta que acidentalmente as crianças fecharam o portão em cima de um membro da equipe a quem eles chamam de “tia” e que esta os teria expulsado de lá. Os analistas insistem para que ele continue a falar sobre tal episódio, a fim de que pudesse criar uma narrativa para aquele caos que apresentava em atos. Ele então verbaliza que se sentiu como “uma barata esmagada”. Em seguida, outra criança também se manifesta e diz que se sentiu como “um cachorro”. A partir disso, as crianças começam a tematizar a palavra raiva. Na sequência, falam de outras raivas que estavam sentindo, referindo-se a outras situações em que se sentiram destratas.

Nesse meio tempo, um dos analistas pergunta ao menino que cobria a boca com um pano qual o significado daquele gesto. Imediatamente, ele desce o pano e diz que se tratava de uma barba. Ao deixar o pano de lado,

4

Sándor Ferenczi (1993 [1927]) nos oferece uma valiosa recomendação quanto à importância de impor limites e frustrações a atuações excessivas por parte de uma criança. Diz ele: “Lembro-me de um incidente com um dos meus sobrinhos pequenos, a quem tratava com toda suavidade que, em meu entender, convém a um psicanalista. Aproveitou para começar a atormentar-me; por fim, passou a agredir-me. A psicanálise não me ensinou que deveria deixar-me agredir *para impedi-lo de se mexer, disse-lhe: “Bata em mim agora se conseguir”. Ele tentou mas, não conseguindo, pôs-se a injuriar-me, dizendo que me detestava. Respondi-lhe: “Muito bem, continue, tudo isso você pode pensar e dizer, mas não tem o direito de me bater”. Finalmente, reconheceu [...] seu direito de me agredir unicamente em imaginação. Após o que nos separamos como bons amigos”* (FERENCZI, 1993 [1927]), p. 13). A imposição do limite deve estar associada à possibilidade de reconhecimento dos afetos que se expressam na atuação, de modo que a palavra possa vir a substituir o ato.

abrindo mão de sua fantasia de bandido, começa a falar da raiva que sente de sua mãe por ela sempre brigar com ele.

Queixa-se que diante da briga entre irmãos, sua mãe sempre parte em defesa de sua irmã sem lhe dar chances de explicações. A analista assegura que o que ele falava era muito importante, e que diante disso, sua raiva era compreensível; “a raiva é um sentimento que todo mundo pode ter”, diz ela. Acrescenta que ele estava podendo enfim falar sobre o que o incomodava e que, talvez fosse possível, a partir disso, falar com sua mãe sobre seus sentimentos. Após essa conversa, todos entram novamente na Casa e os meninos passam a tarde jogando futebol de botão.

No entanto, o dia não se conclui com a tranquilidade transcorrida durante a tarde. Quando a equipe anuncia o momento de fechar a Casa, as crianças voltam-se novamente contra a equipe, xingando, arremessando pedrinhas e dando chutes no portão. Tais atitudes levaram a um fim de tarde igualmente caótico, como o início do plantão.

Discussão clínica

Antes de nos voltarmos à discussão clínica a respeito das duas vinhetas, vale esclarecer que privilegiaremos aqui as contribuições teóricas e clínicas de Freud, a fim de indicar como a escuta clínica psicanalítica pode se apresentar neste trabalho de intervenção social.

Feita esta breve ressalva, voltemos aos dois fragmentos. Convém perguntarmos, de início, se há pontos em comum nas duas situações clínicas relatadas. A nosso ver, o que se destaca, nos dois casos, é a expressão afetiva hostil, agressiva, que se apresenta no *setting* da Casa da Árvore. As crianças expressam, cada uma à sua maneira, afetos agressivos, seja brincando, seja através dos chutes ou do arremesso de pedrinhas.

Em relação à primeira vinheta, recorreremos ao artigo de Freud de 1917, *Uma recordação da infância em Poesia e Verdade*. Neste artigo, Freud descreve diversas situações vividas por crianças – eventos que, segundo ele, não são raros na vida de crianças pequenas –, nos quais elas se entregam prazerosamente à atividade de jogar objetos ao chão. São recordações infantis de adultos em análise, as quais remetem a episódios em que protagonizaram, quando crianças, verdadeiros espetáculos em que arremessavam coisas ao chão, divertindo-se ao ver tais objetos se quebrarem ou sendo lançados longe. Freud procura indicar que essas atitudes, assim como outros atos de grosseria e destrutividade, podem ser entendidas como “ecos desses impulsos hostis” (FREUD, 1980 [1917], p. 188) que, em geral, são dirigidos a um irmão menor – uma vez que tais episódios, segundo ele, ocorreriam sempre como reação ao surgimento próximo ou já acontecido de um rival.

Freud também se refere aos “pequenos ciumentos” no artigo *Bate-se em uma criança* (1980 [1919]). Ao descrever a atmosfera afetiva característica da infância, aborda os sentimentos hostis da criança dirigidos a um irmão. “Há outras crianças à volta”, diz Freud, “de quem não gosta por toda espécie de motivos, mas principalmente porque o amor dos pais tem de ser compartilhado com elas [...]. Se a criança em questão é uma irmã ou irmão mais novo [...], é desprezada e odiada” (FREUD, 1980 [1919], p. 234).

Do mesmo modo, na vinheta aqui relatada, diante da iminência do nascimento de um novo irmão, a menina se entrega jubilosamente à brincadeira de arremessar a boneca-bebê ao chão. Se nos basearmos nas observações de Freud, podemos interpretar a brincadeira da menina como “um ato simbólico ou, para dizê-lo mais corretamente, uma ação mágica”, com que a criança “deu expressão violenta ao seu desejo de livrar-se de um intruso que o perturbava” (FREUD, 1980 [1919], p. 190-191).

Outra interpretação possível nesse caso é a de que ela, ao criar essa cena, pode se identificar com a mãe, numa atitude em que dedica cuidados a um bebê. Mas, ao mesmo tempo, a cena sugere que o bebê não é o único objeto dos investimentos dessa mãe, uma vez que, descuidadamente – “ops”, dizia ela –, deixava que ele se espatifasse no chão, sugerindo assim que a brincadeira pode ter o caráter de uma realização de desejo⁵.

O que se destaca na vinheta clínica, a nosso ver, é o fato de que a criança encena essa ação “mágica” diante do olhar da analista, dentro do espaço clínico da Casa da Árvore. A partir de sua transferência, ela certamente esperava que a analista fosse repreendê-la, recriminando sua atitude. Mas a analista não responde desse lugar fantasiado pela paciente. Ao contrário, no momento da brincadeira em que a menina expressa sua hostilidade jogando repetidamente a boneca ao chão, a agressividade dirigida ao bebê foi reconhecida e legitimada. A intervenção da analista não se faz no sentido de controlar ou corrigir a manifestação agressiva por parte da menina, mas sim de reconhecer o quanto a presença de um bebê pode incomodá-la. Sem esboçar qualquer crítica que marcaria como patológica sua agressividade, permitimos que ela usufrísse de forma positiva de seus afetos agressivos, expressando-os de forma criativa.

Certamente este espaço de acolhimento e legitimação dos afetos hostis por parte da criança possibilitou que, num segundo momento da brincadeira, ela expressasse seus afetos positivos em relação a um bebê, cuidando amorosamente dele. Deste modo, ela pode expressar ludicamente a ambivalência afetiva dirigida aos irmãos. Ao lado dos afetos hostis, ela mostrou, através da brincadeira, que também se diverte ao cuidar dos irmãos menores, além da expectativa de que o nascimento de um novo irmão pode lhe trazer a possibilidade de viver prazerosamente a experiência de cuidar de um novo bebê.

Voltemo-nos, agora, para a segunda vinheta clínica. Primeiramente, vê-se na vinheta que o modelo psíquico do ato se sobrepôs ao modelo da representação. Se a cena inventada pela menina na vinheta anterior contava uma história, abrindo-se para inúmeros sentidos, as pedras jogadas em direção aos analistas, por sua vez, silenciam as palavras, circunscrevendo-se mais especificamente no campo da atuação. Nesta perspectiva, vale discutir alguns dos conceitos psicanalíticos que remetem à dimensão do ato (*agieren*⁶).

A noção de *acting-out* é utilizada por Freud, sobretudo, em contraposição a outra noção, a de recordar. Esta oposição entre a dimensão do ato e a da recordação fica clara no artigo *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1980 [1914]), quando aborda um fenômeno comum na experiência psicanalítica: o fenômeno da repetição na transferência. Este fenômeno implica uma convocação do corpo, onde o sujeito comunica ao outro o que de fato orienta a sua ação. Ou seja, ele endereça seu material inconsciente ao analista, recorrendo ao *acting out* como uma forma de tentar dizer, anunciar aquilo que não consegue expressar através das palavras. Na impossibilidade de tudo dizer, o sujeito atua o que é impossível alcançar pela esfera da memória.

Vale esclarecer, entretanto, que tanto o discurso como a atuação são passíveis de significação. Freud (1980 [1914], p. 168) indica que a relação analítica possibilita que a repetição se apresente na transferência, permitindo que “algo que o paciente deseja descarregar em ação seja utilizado através do trabalho de recordar”. Para tanto, o analista é vinculado a alguma peça do passado esquecido do paciente e, com isso, torna-se objeto facilitador da repetição.

Através da transferência, o sujeito repete o material recalado como se fosse uma experiência inteiramente atual. Freud (1980 [1914]) afirma que o analista, ao exigir recordação, evoca a repetição e, por essa razão, não

5

Além disso, podemos supor que uma função dessa brincadeira, para a menina, é a de obter prazer ao assumir um papel ativo – é ela quem joga o bebê no chão –, podendo deslocar-se de uma situação passiva anterior, em que era dominada pela experiência desagradável. Freud (1980 [1920]) refere-se a essa função da brincadeira ao descrever o jogo do *fort-da*, da criança com o carretel, quando afirma que, na brincadeira, a criança pode tornar-se ‘senhora da situação’. Segundo ele, “jogar longe o objeto, de maneira a que fosse ‘embora’, poderia satisfazer um impulso da criança, suprimido na vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela” (FREUD, 1980[1920], p. 28).

6

Laplanche e Pontalis (1977), em seu *Vocabulário*, indicam que o verbo *agieren* pode ser traduzido tanto por “agir”, como também por “acting out”. Além disso, no Brasil, como assinalam Roudinesco e Plom (1998), *agieren* é comumente traduzido por “atuação”.

7

Em *Além do princípio do Prazer*, Freud (1980 [1920]) esboça uma nova leitura para a problemática da repetição. A formulação do conceito de pulsão de morte o levará a enfatizar que a repetição assume o caráter de uma efetiva compulsão – apontando a dimensão de insistência e imperatividade de algo que se impõe ao sujeito, intraduzível em palavras (BIRMAN, 2006).

se pode esperar que a conduta do paciente seja sempre inócua e irrepreensível. O sujeito pode aparecer como repreensível, recordando em ato seus tropeços, já que repete, na transferência, um fragmento da vida real recalçado. Porém, diz ele, não é possível fugir a esta repetição no tratamento analítico, uma vez que esta se apresenta na análise como uma maneira de recordar.

É assim que Freud delinea uma oposição, e ao mesmo tempo, paradoxalmente, uma similaridade entre repetir por atos e lembrar. Embora sejam mecanismos psíquicos antagônicos, ambos os processos trazem em si a possibilidade de fazer o passado retornar ao presente (LAPLANCHE; PONTALIS, 1977). Isso porque a repetição é entendida, neste artigo de 1914, como uma maneira de se articular um sentido, a fim de tornar presente um material psíquico que não pode ser falado nem lembrado (BIRMAN, 1988)⁷.

Com base nessas considerações teóricas, é possível notar que os atos agressivos das crianças, em sua tentativa de laço com a equipe, através do caos instalado na Casa, se situam no registro da repetição. As crianças atuam repetindo parte do material recalçado e, através da transferência, direcionam à equipe sua parcela afetiva hostil, impossível de ser suprimida.

A partir do reconhecimento dos afetos que as crianças procuravam expressar, a ênfase do manejo clínico, nesse episódio, recai sobre o exercício de criação de novos sentidos, o que possibilita o trabalho psíquico de elaboração. Isso foi possível porque a atuação foi interpretada como um apelo, um pedido sem palavras, uma manifestação do inconsciente. Os analistas acolheram o afeto sem responder de forma repreensiva. No momento em que o portão da Casa foi fechado e uma narrativa foi convocada, as crianças puderam dar palavras aos afetos hostis, ligando-os a outras situações vividas por elas – tanto no espaço clínico da Casa da Árvore, como também nas experiências afetivas de seus romances familiares. Desse modo, uma narrativa pôde ser construída, tomando o lugar da atuação.

É importante assinalar que o trabalho de transferência, já indicado no início deste artigo como específico na Casa da Árvore – sendo fundamentado na Casa e não em apenas um analista – é bem ilustrado pelo exemplo clínico evocado. Ao buscarmos propiciar o trabalho de elaboração desses meninos com relação a um conteúdo possivelmente devastador, recebemos essa parcela de angústia diretamente. E isso é realizado a cada oferta de escuta mesmo que seja entre diferentes analistas. É isso que nos aproxima tanto da psicanálise pura que cita Freud no ensaio apresentado no início deste trabalho e ao mesmo tempo nos coloca em um universo bem específico, pois em muitos plantões temos que lidar com as consequências produzidas a partir de plantões passados.

Quanto ao fim do plantão – aparentemente tão violento quanto o seu início –, cabe-nos questionar se, da agressividade expressa em atos por esses meninos, teria decorrido, de fato, um trabalho psíquico de elaboração. Se eles repetiram as mesmas agressões com as quais deram início ao plantão, será que algum trabalho de elaboração pôde ser realizado ali? Apostamos que sim. Ora, as crianças conseguiram brincar durante a tarde dando outro destino à pulsão, diferente da pura expressão destrutiva. Mesmo que, no final daquele dia, diante da proximidade de uma separação, tenham expressado de forma repetida a cena inicial, isso não invalida os efeitos de um trabalho de elaboração, quando as crianças puderam nomear seus afetos, desencadeando movimentos associativos e remetendo-os a outras representações. Vale lembrar que, a cada experiência do sujeito no processo psicanalítico, algo escapa à pura repetição e, desse modo, algo de novo pode ser produzido.

7

Em *Além do princípio do Prazer*, Freud (1980 [1920]) esboça uma nova leitura para a problemática da repetição. A formulação do conceito de pulsão de morte o levará a enfatizar que a repetição assume o caráter de uma efetiva compulsão – apontando a dimensão de insistência e imperatividade de algo que se impõe ao sujeito, intraduzível em palavras (BIRMAN, 2006).

Vale lembrar que, a cada experiência do sujeito no processo psicanalítico, algo escapa à pura repetição e, desse modo, algo de novo pode ser produzido. Os atos de agressividade das crianças por ocasião do desfecho do plantão apontam a dimensão compulsiva da repetição, tal como Freud sustenta, em 1920, com a formulação do novo dualismo pulsional.

O ambiente de brincadeira, brigas e conversa permite a atualização de conflitos psíquicos de forma mais radical do que em um *setting* psicanalítico tradicional. No contexto clínico da Casa da Árvore, as crianças se relacionam entre si e com os diferentes analistas, o que abre múltiplas possibilidades de re-atualizar seus conflitos psíquicos e encenar seus romances familiares. A aposta da equipe é de que a partir de um acolhimento dos atos de agressividade, por meio da escuta psicanalítica, estes possam pouco a pouco fazer sentido a essas crianças que nos falam de algum sofrimento que ainda não pôde ser elaborado.

É, portanto, neste campo de circulação de afetos que o trabalho analítico pode ocorrer. Através da reprodução em ato da dinâmica libidinal própria da criança, algo se cria. E é justamente nesse ponto que reside todo o poder da transferência e do tratamento psicanalítico. Ao reproduzir em ato, o sujeito fabrica, constrói alguma coisa. Ao transferir, a criança não conta simplesmente uma história ou representa na brincadeira uma cena comovente, hostil ou cômica. Ela vive e reproduz seus sentimentos em ato e, nesse ato, há a possibilidade de reescrever sua própria história. A cada tarde, diante de cada situação ou confusão ocorrida na Casa da Árvore no Morro do Turano, nossa escuta clínica se abre para o inédito.

Sobre o artigo

Recebido: 10/08/2011

Aceito: 31/01/2012

Referências bibliográficas

BIRMAN, J. A palavra entre atos. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 10, p. 11-26, 1988.

_____. Arqueologia da passagem ao ato. In: BASTOS, A. (org.). **Psicanalisar hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 11-36.

BARBOSA, C.A.; SILVA, M.N. A. Um lugar para brincar e conversar. In: MILMAN, L.; BEZERRA JR., B. (orgs.). **A Casa da Árvore: Uma experiência inovadora na atenção à infância**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008, p. 15-29.

DOLTO, F. **A causa das crianças, 1908-1988**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2005.

FERENCZI, S.A adaptação da família à criança [1927]. In: _____. **Obras Completas IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 2-13.

FREUD, S.A dinâmica da transferência [1912]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XII, 1980, p. 133-143.

_____. Recordar, repetir e elaborar [1914]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XII, 1980, p. 193-203.

_____. Uma recordação de infância de Dichtungund Wahrheit [1917]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII, 1980, p. 185-195.

_____. Linhas de progresso na terapia psicanalítica [1918]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII, 1980, p. 201-220.

_____. “Uma criança é espancada”. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais [1919]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII, 1980, p. 225-253.

_____. Além do princípio de prazer [1920]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1980, p. 17-85.

LAPLANCHE, J; J.-B. PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 1977.

MALANDRIN, M-H. Le papa, c’est lui qui dit. In: SCHAUDER, C. (org.). **Lire Dolto Aujourd’hui**. Toulouse: Érès, 2008, p. 13-25.

MILMAN, L. Um pouco da história. In: MILMAN, L.; BEZERRA JR., B. (orgs.). **A Casa da Árvore: Uma experiência inovadora na atenção à infância**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008, p. 31-51.

RICHARD, F. La reencontre psychanalytique em institution. In: RICHARD, F. **La reencontre psychanalytique**. Paris: Dunod, 2011, p. 235-262.

ROUDINESCO, E.; PLOM, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.